



ANTÓNIO MENDES NUNES

O Vinho dos Mortos e o vinho do morto

> fotografia D.R.

Duas histórias curiosas que têm a morte como tema comum.

Uma passa-se em Boticas, Trás-os-Montes, com o conhecido Vinho dos Mortos, que de mortos só têm o nome. A outra é cerca de 300 anos mais antiga e passa-se na velha Inglaterra como corolário de uma luta entre irmãos. E aí, sim, houve um morto a sério. Aliás com uma morte santa, dirão alguns.



Quando os lavradores de Boticas ouviram falar que os franceses se aproximavam da vila trataram de esconder os seus vinhos antes que os soldados do marechal Nicolas Jean de Dieu Soult lhes deitassem a mão. Estava-se em 1809, na que mais tarde se convencionou chamar de 2ª Invasão Francesa e o país já sabia das diatribes das tropas napoleónicas, ainda que no ano anterior, aquando da chamada 1ª Invasão, comandada por Junot, os casos de pilhagem tivessem sido, de início, menos violentos.

Jogando pelo seguro, os lavradores de Boticas enterraram as garrafas com os seus vinhos no chão das adegas, colocando-os ao abrigo dos invasores. Quando a situação política acalmou, dois anos depois, desenterraram as vasilhas onde tinham guardado os vinhos e verificaram que ele estava muito melhor. Era um vinho palhete, com uma graduação de 10º/11º, e com algum gás natural, fruto de ter passado por uma segunda fermentação, atribuindo-se isso ao facto de ter estado submetido a uma tempe-

ratura mais baixa e constante e ao abrigo da luz.

Exatamente por ter sido enterrado (e posteriormente exumado) é que passaram a chamar-lhe Vinho dos Mortos.

Creio haver outras versões menos romanceadas e um pouco mais recentes desta prática e diga-se, talvez um pouco mais credíveis, pelo menos ao que às garrafas diz respeito.

Se houve vinho escondido dos olhares da soldadesca francesa (o que é mais do que provável), deve ter sido noutras vasilhas que não garrafas de vidro. Nesta época, praticamente só os mais ricos as possuíam, em quantidades diminutas e, praticamente, para irem buscar o vinho às pipas e o servirem à mesa. Eram feitas uma a uma, por processos morosos, eram caras e não se encontravam por todo o lado, como agora.

Recorde-se que foi apenas em 1821 que o inglês Henry Ricketts patenteou, em Bristol, o molde tripartido que permitiu fabricar garrafas em série a um ritmo razoável. Facto é que esse antigo costume (diga-se, em abono da verdade, também um belo



Dada a sua alta posição foi-lhe permitido escolher a forma como queria ser executado. Ele não foi de modas e escolheu ser afogado num tonel de vinho de Malvasia da Madeira.

argumento de marketing) se mantém até aos nossos dias e a Câmara Municipal (CM) de Boticas construiu um pequeno museu onde os turistas se podem inteirar melhor sobre esta prática. Quem não for a Trás-os-Montes pode saber mais no site da câmara municipal (www.cm-boticas.pt).

Ainda há lavradores de Boticas (poucos) que fazem Vinho dos Mortos e algum está até à venda em garrafeiras, incluindo Lisboa e Porto.

Também pode ser encontrado na loja da CM de Boticas a 8€ a unidade ou a 22,14€ caixa de 3 ou 44,28 a caixa de 6. No entanto, há uma história um bocadinho mais macabra, porque houve mesmo um morto a sério e onde entra também o vinho português, no caso o vinho Madeira. A história passa-se em 1478, apenas 58 anos depois dos navegadores portugueses terem chegado ao arquipélago e mete traições, golpes de estado e condenações à morte. Vamos aos factos:

George, Duque de Clarence (1449-1478) era o filho mais novo de Richard, duque

de York, de sua mulher Cicely, filha de Ralph Neville, 1º conde de Westmorland. O seu irmão mais velho foi coroado rei como Eduardo IV em Março de 1461, tendo-lhe sido concedido o título Duque de Clarence.

Para se perceber, ainda que de forma muito sucinta, toda a confusão da política de então, é necessário saber que este foi o período chamado de Guerra das Rosas, entre as Casas de York e de Lencastre, com a França e a Inglaterra também a guerrearem-se mas também a apoiarem-se mutuamente consoante a casa real que estava no poder.

Foi assim que o Duque de Clarence, tendo casado com a filha do Duque da Borgonha ter-se-á juntado ao sogro numa conspiração contra o seu irmão, o rei Eduardo IV, apoiando os rebeldes no norte de Inglaterra, partidários de Henrique VI.

Quando a conspiração foi descoberta Clarence refugiou-se em França, tendo voltado a Inglaterra quando Henrique VI voltou ao poder, em Setembro de 1470. Aconteceu que ele cortou relações com

o sogro e voltou a reconciliar-se secretamente com o irmão.

Mas essa reconciliação não durou muito e Eduardo IV descobriu que o irmão se preparava para um, novo golpe e para lhe usurpar o trono. O Duque de Clarence foi preso e condenado à morte corria o ano de 1478.

Dada a sua alta posição foi-lhe permitido escolher a forma como queria ser executado. Ele não foi de modas e escolheu ser afogado num tonel de vinho de Malvasia da Madeira. A sentença foi cumprida no dia 17 de Fevereiro desse mesmo ano.

Já ouvi tecer algumas críticas a esta história por pessoas que não acham possível a Madeira exportar vinho para Inglaterra apenas pouco mais de meio século da sua descoberta. No entanto, sabe-se que uma dúzia de anos depois da chegada dos portugueses, o plantio de vinha era uma forte realidade, havendo registos de plantio da casta Malvasia Cândida, Vinda da ilha de Creta, e que em 1444 a exportação de vinhos para Inglaterra era já uma forte realidade.